

O USO DE *TÁ?* E *CERTO?* NA FALA DE SANTA CATARINA

Raquel Meister Ko. FREITAG (PG-UFSC)*

1. Introdução

Na situação de fala, é freqüente observar a ocorrência de elementos que não são previstos na gramática tradicional, os quais muitas vezes são chamados 'vícios de linguagem', como se pode observar nos trechos que seguem:

(1) Só porque meus avós moravam perto [de nossa] da nossa casa, e eles não falavam português. Então a gente foi aprender *tá?* a gente sabia mas que foi praticar o português, foi mesmo quando a gente entrou pra aula, né? SC BLU 01

(2) Se você recebe alguém de fora, ela não vai vir diretamente nos bairros, nas favelas, ela vai ocupar o nosso centro, *certo?* Claro que [o] o bairro não pode ser deixado, né? deve ser também cuidado, mas a administração não pode olhar especificar, que vai fazer isso e não vai fazer aquilo. SC LGS 11

A fala e a escrita apresentam diferenças; há categorias gramaticais que são mais freqüentes na fala do que na escrita. Um exemplo é a categoria dos marcadores discursivos, à qual pertencem *tá?* e *certo?*, usados predominantemente na fala. Os dois itens, apesar de terem diferenças na sua origem - *tá?* é de origem verbal (o verbo *estar*) e *certo?* é de origem adjetival (o adjetivo *certo*) -, compartilham propriedades funcionais: testar o canal com o interlocutor, solicitar sua aquiescência, ordenar e reorganizar o fluxo conversacional. Dadas as compatibilidades funcionais de *tá?* e *certo?*, é esperado que os marcadores sejam intercambiáveis e possam ser considerados variantes de uma mesma variável lingüística. Freitag (1999) analisou a variação de *tá?* e *certo?* na fala dos florianopolitanos, e os resultados apontam que os marcadores estão sofrendo variação estável na faixa etária mais velha (mais de 50 anos) (*op. cit.*: 33). No presente trabalho, pretende-se analisar o

* rkofretag@bol.com.br

comportamento dos marcadores *tá?* e *certo?* em mais três cidades de Santa Catarina – Blumenau, Lages e Chapecó – para verificar se os resultados obtidos em Florianópolis se repetem nas demais cidades e, portanto, se a variação de uso de *tá?* e *certo?* é regular na fala de Santa Catarina. Como resultado final, tem-se uma visão geral do uso variável de *tá?* e *certo?* na fala dos catarinenses.

Primeiramente, é preciso caracterizar o que é um marcador discursivo e ver como *tá?* e *certo?* são incluídos nessa categoria. O rótulo marcador discursivo é aplicável a variados itens, oriundos de diferentes categorias. Castilho (1989: 253-255) constrói uma definição para marcador discursivo a partir da unidade discursiva: um segmento de texto que, semanticamente, preserva a propriedade de coerência temática de uma unidade maior e, formalmente, é constituído por um núcleo e duas margens, cuja presença é facultativa. O núcleo é composto por uma ou mais orações, constituídas por itens lexicalizados, que são destinadas à progressão temática. As margens da unidade discursiva são constituídas por materiais verbais (segmentos e suprasegmentos) e não-verbais (olhar, gestos, expressão fisionômica). As margens veiculam avaliações do falante a respeito do que ele faz constar no núcleo, contêm informações que orientam a interação e que organizam as formas de desenvolvimento temático. A estrutura da unidade discursiva, segundo Castilho (*op. cit.*), pode ser exemplificada por (3):

(3) “Olha, a situação da economia hoje não está estável, certo?”

O núcleo da unidade discursiva está sublinhado; é a parte que contém as informações responsáveis pela progressão temática. As margens sinalizam como devem ser interpretadas as informações. Às margens que compõem a unidade discursiva, Castilho denomina “marcadores discursivos”: como que os andaimes da construção lingüística, deixando à mostra os processos de sua construção. Os marcadores discursivos (*op. cit.*: 265) são caracterizados por suas propriedades pragmáticas (sinalizam de que modo o falante está monitorando a interação), sintáticas (interligam as unidades discursivas, atuando como anafóricos e catafóricos) e semânticas (balizam a sucessão das informações).

Risso *et al.* (1996) analisam os possíveis candidatos a marcadores discursivos e, a partir da análise, elencam as características dos elementos prototípicos: são atuantes no plano da organização textual-interativa; são unidades independentes (não fazem parte da estrutura oracional); têm demarcação prosódica, com rebaixamento do tom no final da unidade, o que é mais uma evidência da sua dissociação sintática; são insuficientes para constituir, por si só, um enunciado completo; as formas têm extensão reduzida: no máximo até três sílabas tônicas; as formas são mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção, indicando uma tendência à cristalização formal.

Os marcadores discursivos, segundo Marcuschi (1989: 304), apresentam as seguintes características: operam como fatores de coesão textual, unindo as unidades discursivas; distribuem-se em posições bastante regulares; contribuem para hierarquizar e topicalizar argumentos; operam com características de dêiticos discursivos, remetendo a informações dadas ou antecipando-as; e mantêm relativa independência sintática no conjunto da interação.

Os marcadores discursivos podem ser subdivididos em dois grandes grupos: os interpessoais, orientados para o monitoramento da conversação (*e aí?*, *tudo bem?*, *não é?*, *sabe?*, *né?*, *entende?*, *tá?*, *certo?*) e os ideacionais, orientados para a organização textual, como os iniciadores, seqüenciadores, expansores e modalizadores (asseverativos *é claro*, *exato* e atenuantes *eu acho (que)*, *me parece que*) (Castilho, 1989: 273-274).

Macedo e Silva (1993: 12) definem marcadores discursivos ou conversacionais como partículas freqüentemente encontradas na fala e não tão freqüentemente na escrita. Segundo elas, *tá?* *certo?* são requisitos de apoio discursivo (RADs), com a função de manter aberto o canal comunicativo com o interlocutor. Duque Estrada (1997) atribui à *tá?* e *certo?* as mesmas propriedades que Macedo e Silva (*op. cit.*), porém denomina-os de marcadores *tags*, devido à curva entoacional. Para ela, a entoação dos marcadores está relacionada com o grau de interacionalidade: entoação ascendente predispõe à interação. Martelotta (1997) analisa as funções desempenhadas pelo marcador *tá?* na fala dos cariocas.

Como surgem marcadores discursivos? Não há consenso quanto ao processo que origina os marcadores discursivos; alguns estudos apontam a pós-gramaticalização, a discursivização e, mais recentemente, a própria gramaticalização. A pós-gramaticalização (Vincent *et al.*, 1993) é um processo pelo qual um elemento passa a um nível não-gramatical, obedecendo não mais às restrições gramaticais, mas às pragmáticas e interativas. Para Martelotta *et al.* (1996), a discursivização é a passagem de elementos da gramática ao discurso, com a decorrente perda de valores gramaticais e aquisição de valores pragmáticos; os elementos discursivizados tendem a se tornar marcadores discursivos. Traugott (1995) argumenta que a aquisição de valores pragmático-discursivos é uma característica de elementos que estão no processo inicial de gramaticalização, que é um processo de mudança unidirecional do mais concreto ao mais abstrato, do lexical ao gramatical. Não será dada ênfase aos processos de gramaticalização, pós-gramaticalização e discursivização porque não é o objetivo do trabalho discutir a origem e a trajetória de mudança pela qual passaram (e ainda passam) *tá?* e *certo?*.

2. Perspectiva teórica

2.1 Sociolinguística Variacionista

A heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes da língua. Assim postulam Weinreich, Labov e Herzog (1968) em *Empirical foundations of the language change*, estudo pioneiro na área da variação linguística, que se coloca como uma reação ao caráter imutável e homogêneo da língua que era apregoado pelo Estruturalismo. A mudança na língua pode ser dividida em três etapas: (i) o falante aprende uma forma alternante para uma variável linguística; (ii) o tempo em que as duas formas coexistem; e (iii) o tempo em que uma das formas torna-se obsoleta. Para que haja a mudança, necessariamente duas ou mais formas concorreram durante um tempo; a mudança pressupõe a existência de um período de variação.

Labov comprova empiricamente a teoria proposta para a variação e mudança com os trabalhos sobre a elevação dos

ditongos /aw/ e /ey/ na ilha de Martha's Vineyard e da rotarização do /r/ em lojas de departamento em Nova York. Com o objetivo de demonstrar as motivações sociais para a mudança dos sons (os ditongos /aw/ e /ey/), Labov (1972a) procura abordar a origem, difusão e regularidade das mudanças lingüísticas. Labov conclui que pressões sociais estão continuamente operando sobre a linguagem. No estudo sobre a rotarização do /r/ em lojas de departamento em Nova York, Labov (*op. cit.*) constata que a variável lingüística é um diferenciador social em todos os níveis de fala na cidade de Nova York.

Em estudo sobre a contração e o apagamento da cópula verbal do Inglês, Labov (1972b) desloca o foco da correlação entre usos lingüísticos e estrutura social para a necessidade de uma análise estatística no tratamento da variação. Posteriormente, Labov e Weiner (1983) analisam a variação entre passivas sem agente e ativas com agente genérico em *Black English Vernacular* na fala espontânea, e constatam que os fatores sociais não são significativos na escolha de uma ou de outra forma, ou seja, passiva sem agente e ativa com sujeito genérico são formas equivalentes para o falante dizer a mesma coisa, ou ainda, ativa/passiva são semanticamente equivalentes e socialmente irrelevantes. Os resultados obtidos no caso da ativa/passiva levam à mudança dos pressupostos da Teoria da Variação: o estudo da variação pode detectar a mudança considerando também os fatores internos, relativos ao funcionamento da gramática.

O fato de que, em certos casos, fatores sociais não são significativos no condicionamento da variação detona discussão a respeito do que é uma variável lingüística e o que é Sociolingüística. Para Labov, variantes de uma mesma variável são duas ou mais formas que necessariamente têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto. No campo da fonologia essa distinção é clara. Ao ampliar o campo para a sintaxe, nem sempre há consenso quanto ao valor de verdade. Lavandera (1978) questiona não só a possibilidade de variação fora dos limites da fonologia como também a influência dos fatores sociais na variação. Na sua argumentação, a Sociolingüística deve necessariamente estudar a influência dos fatores sociais sobre

a língua, fato que é treplicado por Labov (1978), ao defender que o que está em jogo nos fenômenos de variação não são só fatores sociais – que podem, mas não necessariamente devem influenciar no condicionamento de fenômenos de variação. O objeto de estudo da Lingüística é a língua, todo lingüista é “socio” porque a língua não existe se não estiver em uso, ou seja, é inerentemente social (Labov, 1972a: 183).

Labov (1982) revisita os fundamentos empíricos, agregando resultados de seus trabalhos anteriores. O caráter heterogêneo da comunidade de fala consiste no fato de que há muitas maneiras semanticamente equivalentes de se dizer “a mesma coisa”. Portanto, as variantes estão freqüentemente associadas a traços de natureza interna da língua e possivelmente também a características externas do falante e da situação (registro, classe social, etnia, sexo, idade). A mudança não é o resultado de um processo de substituição de elementos em sistemas homogêneos; é o próprio processo, que expõe o caráter heterogêneo dos sistemas lingüísticos.

Os marcadores *tá?* e *certo?* podem ser considerados variantes na expressão de uma variável lingüística? Se ativa/passiva desencadearam uma grande discussão, o que dizer desta... Para que *tá?* e *certo?* sejam aceitos como variantes de uma mesma variável, é preciso alargar o escopo de variantes: não restringir mais ao mesmo significado, mas ao desempenho da mesma função, que no caso de *tá?* e *certo?* é testar o canal com o interlocutor, solicitar sua aquiescência, ordenar e reorganizar o fluxo conversacional. Aceitando o aumento do escopo de variantes, é possível tratar o fenômeno sob a ótica variacionista.

Freitag (1999) analisou o uso variável de *tá?* e *certo?* na fala dos florianopolitanos. O perfil do falante mais propenso ao uso variável é o mais escolarizado e de maior faixa etária. Lingüisticamente, a variação é condicionada pelo gênero discursivo e posição no enunciado. Os condicionamentos para a variação no uso de *tá?* e *certo?* são os mesmos nas outras regiões de Santa Catarina? A mudança está mais avançada na capital do que no interior? Essas são algumas das questões que norteiam a presente pesquisa.

3. Metodologia

3.1 Amostra

A amostra utilizada para análise do fenômeno foi constituída a partir de 72 entrevistas de 60 minutos gravadas, pertencentes aos *corpora* de Blumenau, Chapecó e Lages, do Banco de Dados Varsul, estratificadas quanto ao sexo, à faixa etária (25 a 50 anos e mais de 50 anos) e tempo de escolarização (até 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 12 anos). As entrevistas foram feitas nos moldes labovianos, em que o entrevistador faz módulos de perguntas, sobre a infância, estudo, mercado de trabalho, situações de perigo de vida, situação político-econômica do país.

3.2 Variável dependente

A variável analisada é expressão simultânea de teste do canal com o interlocutor, solicitação da sua aquiescência, ordenamento e reorganização do fluxo conversacional, que são funções desempenhadas por *tá?* e *certo?* É possível que outros marcadores também possam desempenhar a mesma função múltipla de *tá?* e *certo?*, como é o caso do marcador discursivo 'né?'. É possível que 'né?' possa intercambiar com *tá?* e *certo?*, mas as formas não compartilham do mesmo núcleo de significado original: enquanto *tá?* e *certo?* têm valor positivo, 'né?' tem valor negativo, já que, na sua origem, é constituído de negação + verbo (não + é?). As variantes da variável proposta são *tá?* e *certo?* como nos exemplos que seguem:

(4) Não tinha tanta motivação de brincar naqueles tempos, porque nós éramos acostumados e incentivados a trabalhar, porque desde pequena que nós trabalhávamos, *tá?* e os brinquedos que nós fazíamos eram brinquedos de boneca, não boneca que nem agora, que vamos comprar, mas eram bonecas feitas de pano: ou pegava um sabugo [de] de milho e fazia a boneca mesmo, depois vestida de panos, né? SC CHP 3

(5) Tudo bem, o que que acontecia? as pessoas não conseguiam adquirir, as empresas não conseguiam vender, e isto causava conseqüentemente desemprego, né? e uma coisa puxava a outra,

certo? O que que aconteceu? Quando foi feito então a reformulação pra URV e depois [o próprio plano] o novo plano passando pra cruzado, aquilo houve uma abertura. SC CHP 11

3.3 Variáveis independentes

3.3.1 Fatores sociais

3.3.1.1 Região

O controle da variável região tem como objetivo verificar como se dá a difusão da variação e mudança na língua. O primeiro fator a ser considerado é a oposição capital (Florianópolis) vs. interior (representado pelas cidades de Blumenau, Chapecó e Lages). É esperado que o processo de variação e mudança esteja mais acelerado em Florianópolis (cf. dados de Freitag, 1999), já que os processos de mudança tendem a surgir e se difundir a partir do centro social e político de uma região, em oposição às demais cidades, situadas no interior de Santa Catarina. Outro fator a ser considerado é a etnia que predomina na região: em Florianópolis, descendentes de açorianos; em Blumenau, de alemães; em Chapecó, de italianos; e em Lages, de tropeiros paulistas e gaúchos. Não há hipótese específica quanto à etnia; especula-se que em Blumenau e Chapecó, cidades onde os informantes declaram ter conhecimento de mais de uma língua (o alemão e o italiano, respectivamente), e se essa língua for a língua materna e falada em casa, é provável que os marcadores *tá?* e *certo?* ocorram em menor quantidade, já que marcadores discursivos são mais freqüentes na fala de falantes fluentes.

3.3.1.2 Sexo

Não há hipótese específica sobre a variável sexo. Em Florianópolis, o uso variável de *tá?* e *certo?* foi mais freqüente em falantes do sexo masculino. O uso categórico de *tá?* por falantes de sexo feminino teve justificativa no cruzamento de dados relativos ao sexo e gênero discursivo.

3.3.1.3 Faixa etária

Em Florianópolis, os resultados obtidos para o uso variável de *tá?* e *certo?* indicam que o aumento da faixa etária propicia a variação. Quanto mais jovens os falantes, menos possibilidade de variação: na faixa etária de 15 a 25 anos, o uso de *tá?* é categórico (Freitag, 1999: 22). Isso significa que o processo de mudança está em estágio avançado, os falantes mais jovens não aprendem uma das variantes para expressar teste do canal com o interlocutor, solicitação da sua aquiescência, ordenamento e reorganização do fluxo conversacional. Estendendo o resultado obtido em Florianópolis às demais cidades que estão em análise, espera-se também que a variação do uso de *tá?* e *certo?* ocorra mais na faixa etária mais velha (mais de 50 anos).

3.3.1.4 Tempo de escolarização

O uso variável de *tá?* e *certo?* na fala de Florianópolis está correlacionado com o aumento do tempo de escolarização (Freitag, 1999:21). Pretende-se verificar se o tempo de escolarização também influi na variação de *tá?* e *certo?* na fala de Blumenau, Chapecó e Lages.

3.3.2 Fatores lingüísticos

O controle dos fatores lingüísticos tem o objetivo de verificar quais são os condicionamentos discursivos e situacionais que influem na variação do uso de *tá?* e *certo?* Os fatores lingüísticos controlados são os mesmos que se mostraram significativos no condicionamento do uso de *tá?* e *certo?* na fala dos florianopolitanos: seqüência discursiva e posição no enunciado.

3.3.2.1 Seqüência discursiva

Dentro da entrevista, é possível selecionar seqüências discursivas que podem ser caracterizadas como narrativa de experiência de vida, opinião, explanação e receita. As seqüências de narrativa de experiência de vida são os trechos em que o informante

fala sobre fatos passados ou presentes, freqüentes ou específicos. Em seqüências de opinião, o informante expõe seu ponto de vista sobre determinado assunto ou acontecimento, e, em seqüências de explanação, o informante expõe o motivo, a razão de determinados assuntos. Em receitas, o informante explica como se faz algo. As seqüências discursivas de explanação e opinião são definidas conforme Guy *et alii* (1986).

Em Florianópolis, era esperado que o contexto discursivo de maior recorrência e também variação de uso de *tá?* e *certo?* fosse os trechos argumentativos, já que, nesses contextos, o falante estaria mais sujeito à reorganização e ordenação de idéias, além de ter mais necessidade de solicitar a aquiescência do interlocutor. Os resultados, porém, apontaram que é a narrativa a seqüência discursiva que mais propicia o uso variável de *tá?* e *certo?* (Freitag, 1999: 25). Espera-se verificar o mesmo comportamento para *tá?* e *certo?* quanto à seqüência discursiva nas cidades de Blumenau, Chapecó e Lages.

3.3.2.2 Posição

As possíveis posições de ocorrência de *tá?* e *certo?* são, conforme Freitag (1999:26), final de turno, final de enunciado, entre orações, entre sintagmas e no meio de sintagmas. Na fala de Florianópolis, *tá?* e *certo?* são variantes nas posições finais (turno, enunciado e entre orações). A ocorrência de *tá?* é categórica nas posições meio de sintagmas e entre sintagmas. Para as cidades de Blumenau, Chapecó e Lages, espera-se verificar também que o uso variável de *tá?* e *certo?* ocorra nas posições finais.

3.4 Tratamento estatístico

Após codificados, os dados foram submetidos à análise estatística e probabilística do Pacote Estatístico VARBRUL, versão de 1988, desenvolvida por Susan Pintzuk. *Variable Rule Analysis*, identificado pela sigla VARBRUL, é um sistema logístico proposto por David Sankoff para a análise da variação. O sistema é utilizado para medir efeitos de variáveis independentes sobre a variável dependente. A variável dependente pode ser enéaria. As variáveis independentes são os grupos de fatores que possivelmente

condicionam a ocorrência do fenômeno.

O fluxo completo de cálculo das probabilidades requer a rodada dos dados nos programas *checktok*, *readtok*, *makecell* e *ivarb*. Os dois primeiros preparam os dados de acordo com as especificações e condições; *makecell* realiza cálculos percentuais e *ivarb*, cálculos probabilísticos.

4. Resultados

Os dados coletados, após subcategorizados, foram submetidos à análise estatística do pacote VARBRUL, mais especificamente, do programa *makecell*. Foram encontradas 137 ocorrências de *tá?* e apenas 5 ocorrências de *certo?*, perfazendo o total de 142 dados, distribuídos entre as três cidades. O resultado total das três cidades (Blumenau, Chapecó e Lages) se aproxima do resultado encontrado por Freitag (1999) apenas na cidade de Florianópolis: 111 ocorrências de *tá?* e 25 ocorrências de *certo?*.

4.1 Região

A distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* em cada cidade pode ser observada na tabela 1¹:

Blumenau		Chapecó		Lages		Florianópolis	
Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?
110	0	16	1	11	4	111	25

Tabela 1: Distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* quanto à região

Comparando com o resultado de Florianópolis, os marcadores *tá?* e *certo?* são pouco recorrentes na fala de Lages e Chapecó. Em Blumenau, o uso de *tá?* é categórico, com 110 ocorrências. Em Chapecó, há 16 ocorrências de *tá?* e apenas 1 de *certo?*. A situação de Lages é mais equilibrada, embora haja poucas ocorrências: 11 de *tá?* e 4 *certo?* Pela distribuição dos dados, depreende-se que, no contexto da entrevista, não ocorre variação no uso de *tá?* e *certo?* na cidade de Blumenau. Em Lages e Chapécó,

as poucas ocorrências dos itens não permitem uma análise probabilística que aponte resultado sem margem de erro.

4.2 Sexo

Na análise conjunta das três cidades, o resultado do uso de *tá?* e *certo?* na fala de Florianópolis se repete: informantes do sexo masculino polarizam as cinco ocorrências de *certo?* e também tendem a usar mais *tá?* (104 ocorrências), enquanto as mulheres não utilizam o *certo?*, e perfazem 33 ocorrências de *tá?* Porém, cruzando os dados relativos ao sexo com os relativos à cidade, percebe-se que o uso de *tá?* é distinto em cada cidade. Em Blumenau, das 110 ocorrências de *tá?*, apenas 10 foram realizadas por mulheres; já em Lages e Chapecó, as mulheres polarizam as ocorrências de *tá?*, como pode ser observado nas tabelas a seguir, cujos valores foram obtidos através do programa *crostab*:

Blumenau		Chapecó		Lages		Florianópolis	
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
100	10	2	14	4	7	104	33

Tabela 2: cruzamento tabulado entre sexo e ocorrências de *tá?*

Blumenau		Chapecó		Lages		Florianópolis	
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0	0	1	0	4	0	25	0

Tabela 3: cruzamento tabulado entre sexo e ocorrências de *certo?*

A hipótese de que o comportamento de *tá?* e *certo?* se repetiria nas demais cidades se confirma com ressalva: homens polarizam as ocorrências de *certo?*, mas o uso de *tá?* é diferenciado.

4.3 Faixa etária

Em Florianópolis, foram controladas três faixas etárias (15 a 14 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos), e os resultados apontavam que *tá?* e *certo?* podiam ser considerados variantes na faixa etária mais velha. O resultado obtido nas cidades de

Blumenau, Chapecó e Lages, onde só foram controladas duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos), apontam que o uso dos marcadores, de um modo geral, se concentra na faixa etária mais jovem, como pode ser observado na tabela 4:

25 a 49 anos		Mais de 50 anos	
Tá?	Certo?	Tá?	Certo?
19/96%	5/4%	18/100%	0/0%

Tabela 4: Distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* em função da faixa etária

A faixa etária em que ocorre variação no uso de *tá?* e *certo?* é a faixa mais jovem. A hipótese de que os resultados de Blumenau, Chapecó e Lages se aproximassem ao de Florianópolis não foi confirmada.

4.4 Tempo de escolarização

Em Florianópolis, os marcadores *tá?* e *certo?* tendem mais a ser usados pelos informantes com mais tempo de escolarização. Os resultados obtidos na análise do comportamento de *tá?* e *certo?* em Blumenau, Chapecó e Lages se aproximam dos de Florianópolis: com o aumento da escolaridade também aumenta o uso dos marcadores, como pode ser observado na tabela 5:

Até 4 anos		5 a 8 anos		9 a 12 anos	
Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?
10/91%	1/9%	36/90%	4/10%	91/100%	0/0%

Tabela 5: Distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* em função do tempo de escolarização dos informantes

4.5 Sequência discursiva

Trechos narrativos e argumentativos (opinião e explanação) são os mais propícios para a ocorrência de *tá?* e *certo?* na fala de Blumenau, Chapecó e Lages, mesmo resultado encontrado na fala

de Florianópolis, confirmando a hipótese levantada. É também nesses trechos que os marcadores podem ser considerados variantes. A distribuição das ocorrências pode ser observada na tabela 6 que segue:

Narrativa		Explicação		Receita		Opinião	
Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?
58/98%	1/2%	46/92%	4/8%	5/100%	0/0%	28/100%	0/0%

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* em função da seqüência discursiva

4.6 Posição

Do mesmo modo que em Florianópolis, as ocorrências de *tá?* e *certo?* tendem a se dar em posição final, seja de turno, enunciado e entre orações. Na posição entre sintagmas também ocorre o uso categórico de *tá?*, mesmo resultado apresentado em Florianópolis. Os resultados da distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* considerando a posição podem ser observados na tabela 7, a seguir:

Final de turno		Final de enunciado		Entre orações		Entre sintagmas	
Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?	Tá?	Certo?
6/86%	1/14%	61/95%	3/5%	42/98%	1/2%	28/100%	0/0%

Tabela 7: distribuição das ocorrências de *tá?* e *certo?* em função da posição no enunciado

5. Variação no uso de *tá?* e *certo?* na fala de Santa Catarina

As quatro cidades tomadas como amostra para caracterizar o uso dos marcadores discursivos *tá?* e *certo?* na fala de Santa Catarina apresentam comportamentos distintos, o que significa que há diferenças no uso dos marcadores. A fala de Florianópolis é a mais propícia à variação de uso de *tá?* e *certo?*, com 136 ocorrências de *tá?* e 25 de *certo?*. Os marcadores, conforme apontam

os resultados de Freitag (1999), sofrem variação estável nas faixas etárias mais velhas e mais escolarizadas. Na fala de Blumenau, o uso de *tá?* é categórico, com 120 ocorrências. Chapecó e Lages apresentam dados de *tá?* e *certo?*, mas devido ao número reduzido, não é seguro afirmar que os marcadores sejam variantes.

Os resultados encontrados em Florianópolis para o uso de *tá?* e *certo?* com relação ao sexo e tempo de escolarização se repetem nas cidades analisadas: as ocorrências de *certo?* são categoricamente masculinas, e quanto mais escolarizado o indivíduo, mais tende a usar os marcadores *tá?* e *certo?*. Não há explicação clara para justificar o uso de *certo?* exclusivamente por informantes homens na situação de entrevista. Quanto à influência do tempo de escolarização, Martelotta (1997:105) justifica o uso de *tá?* predominantemente na fala de informantes mais escolarizados porque esse tipo de marcador “reflete estratégias interativas complexas, utilizadas normalmente por falantes que têm um melhor domínio da pluridimensionalidade do ato comunicativo”. É preciso considerar que as entrevistas foram realizadas por entrevistadores universitários, e possivelmente, informantes mais escolarizados sentem-se mais próximos do entrevistador, enquanto os informantes com menos tempo de escolarização possivelmente provocam menos o jogo interativo. A faixa etária que concentra as ocorrências de *tá?* e *certo?* é a mais jovem, resultado diferente do encontrado em Florianópolis, onde as ocorrências de *tá?* e *certo?* concentram-se na faixa etária mais velha.

Os fatores lingüísticos que influenciam na ocorrência de *tá?* e *certo?* em Blumenau, Chapecó e Lages são os mesmos que influenciam em Florianópolis: posição e seqüência discursiva.

O quadro da variação do uso de *tá?* e *certo?* na fala de Santa Catarina é heterogêneo. Os fatores internos – seqüência discursiva e posição – são constantes, o que causa a heterogeneidade no uso dos marcadores são os fatores sociais. Em Blumenau, o uso de *tá?* no contexto da entrevista é categórico; em Lages e Chapecó, o número reduzido de dados não possibilita uma análise probabilística dos condicionamentos de uso de *tá?* e *certo?* Fica como sugestão a ampliação da amostra para verificar se os condicionamentos lingüísticos se mantêm e se há realmente poucas ocorrências de *tá?* e *certo?*.

Referências Bibliográficas

CASTILHO, A. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: A. Castilho (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: ed. da Unicamp, 1989.

FREITAG, R. Os marcadores discursivos *tá?* e *certo?* na fala de Florianópolis. Florianópolis, UFSC, 1999. [relatório final de pesquisa].

GUY, G., HORVATH, B., VONWILLER, J., DAISLEY, E., ROGERS, I. An intonational change in progress in Australian English. In: *Language*, n. 15, 1986.

KOCH, I. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: ed. da Unicamp/FAPESP, v.6., 1996.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 a.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Philadelphia Press 1972 b

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera In: *Sociolinguistics Working Paper*. Austin: Southwest Educational development laboratory, n. 44., 1978.

LABOV, W. 1982. Building on empirical foundations In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), 1982

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language Society*, n. 7., 1978.

LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

MACEDO, A, SILVA, G. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: A. Macedo, C. Roncarati, M. Mollica (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCUSCHI, L. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas , funções e definições In: A. Castilho (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: ed. da Unicamp, 1989.

MARTELOTTA, M. Uso do marcador discursivo *tá?*. In: *Veredas Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, jul./dez./1997.

MARTELOTTA, M., VOTRE, S., CEZARIO, M (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PINTZUK, S. *Varbrul programs*. 1988. [mimeo]

RISSE, M., SILVA, G., URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores In: I. Koch (org.), 1996.

TRAUGOTT, E. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford Universit, 1995.

URBANO, H. Marcadores conversacionais In: D. Preti (org.). *Análise de textos orais (NURC/USP)*. 3. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFCH/USP, 1997.

VINCENT, D., VOTRE, S. LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues et Linguistique*, n. 19. Quebec: Université Laval, 1993.

WEINER, J., LABOV, W. Constrains on the agentless passive In: *Journal of Linguistics*, 1983. n. 19.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Empirical foudations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968. [reimpressão]

Nota

¹ Dada a distribuição desequilibrada das ocorrências, preferi utilizar os valores absolutos das ocorrências.